



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário

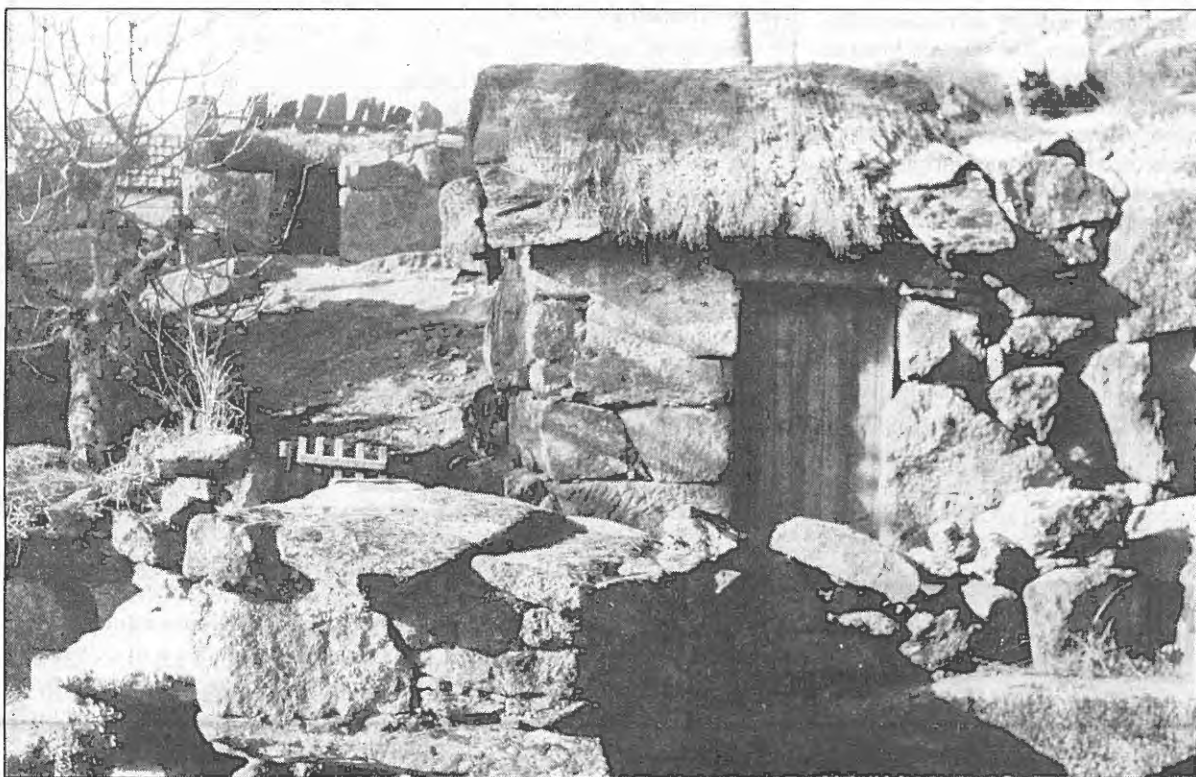
24 de Fevereiro de 1990

Ano XLVI — N.º 1199 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Barracas e pardieiros são morada dos Pobres mais pobres. É preciso agir...!

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Este cantinho sai, hoje, com uma família a viver numa barraca. São doze filhos, o mais novo tem meses e outro deles, com dezoito anos, sofre de paralisia. É uma situação a pôr à prova o valor da comunidade onde vivem.

Aqui, não há lugar para o medo nem tempo para cruzar os braços. É preciso agir. Antes de mais, são pessoas que devem ser libertadas da miséria. Outras considerações perdem força diante da Verdade: São pessoas.

Que fazer? Existem energias. Mobilizem-se. Os homens conhecem-se em circunstâncias como estas. Que bela oportunidade para medir a pulsação dum povo crente, como se diz. Mal vai a Igreja se se põe de lado. Do altar, à hora em que os cristãos celebram o mistério da sua fé, dê-se a conhecer o escândalo de se ter permitido uma situação destas, durante tanto tempo. A Palavra proclamada cumpre-se, como naquele tempo, quando o Senhor entrou no Templo, a um sábado, pegou no livro e leu a passagem de Isaías. Depois, disse: «Hoje cumpriu-se tudo quanto acabastes de ouvir...»

Cumpriu-se. Como? Em obras de misericórdia e perdão pelas injustiças cometidas e permitidas, à

margem da Palavra. Sim, nessa hora e nesse ambiente a Palavra de Deus revela-se como força criadora e transformadora.

Pois bem, à hora em que esta notícia cai debaixo dos vossos olhos, o passo mais importante foi dado: «Perante um inverno tão rigoroso, resolvemos fazer uma casa para aquela família tão mal instalada». É palavra escrita pelo pároco a dar a boa nova. O seu lugar é à frente, não como quem é servido mas como quem serve. Em terreno como este, o seu prestígio sobe. A sua autoridade é reconhecida. Crenças e não crenças respeitam-no, por convicção. Pobres e ricos dão-se as mãos. A Igreja vive a sua missão: espaço de reconciliação e comunhão.

Ele diz bem: «resolvemos fazer». Decisão comunitária em que o pároco é o motor.

O Património dos Pobres nasceu para viver assim. Mais: «A Acção Católica tomou a iniciativa. A Câmara ofereceu o terreno. Os filhos mais velhos ajudaram». Que lindo! O Ovo de Colombo! Tudo tão simples e eficaz! É a Caridade a animar a Justiça. Quem disser que o tempo da Caridade acabou, engana-se.

Acendeu-se uma luz na encosta.

As pessoas, agora, sabem para onde caminhar. «Já estão prontas as paredes da casa que tem um corredor, sala-cozinha, quatro quartos e quarto de banho». A barraca cedeu o lugar a uma casa digna, com as divisões à medida da família.

O resto fica por conta do Património dos Pobres. E já lá está, para a factura da mão d'obra, caixilhos das sete janelas e o telhado.

Obrigado.

Padre Manuel António

SETÚBAL

Não caíu em poço sem fundo nem em saco roto a ideia aqui lembrada de criar um Montepio de onde pudesse tirar, ao menos, metade do preço da habitação de cada um (dos meus rapazes) e participar com eles na aventura, a fim de que a vida se lhes tornasse mais leve e pudesse ser mais fecunda. (O GAIATO n.º 1193, rubrica «Setúbal».)

A assinante 7796, «velha amiga», manda cem contos e exorta: «Façam uma procissão no nosso O GAIATO, tendo por base este donativo, caso seja o primeiro e pode ser que ela vá engrossando de forma a minorar as dificuldades e a angústia do desditoso gaiato. Como ele quantos «gaiatos» não haverá por esse País fora, onde tanto dinheiro se esbanja».

O comentário a esta exortação é feito por outra carta de Lisboa: «Aqui lhe mando, em comunhão com minha mulher, uma migalha para o seu celeiro. Fazemo-lo com muito boa vontade, com obrigação até, pois nunca pagaremos aos que precisam os bens que Deus nos dá!... Mais que boa vontade... fazemo-lo com alegria». Cem contos.

E esta, de Beja: «Junto pequena quantia (50 contos) que traduz a partilha da minha família com a sua, a «nossa». P'ra mim foi especial alegria a parte oferecida pelo meu neto — 2.500\$00 — porque... estava destinado a um aforro quando lhe lembrei os gaiatos. É que... receio que o entusiasmo

últimamente posto em juntar para fazer aforros, seja um sintoma de crescimento no apego ao dinheiro...»

Esta avó sabe ensinar catequese cristã.

De Gavião: «Quando lemos O GAIATO, apetece-nos logo acudir... Mas, muitas vezes, fica-se só no apetite. Por isso, vencendo a inércia, venho agora enviar uma migalhinha (dez contos) para ajudar o Mário na compra de sua casa. Quantos jovens lutam hoje por ter uma casa para constituir família! E eu tenho duas e só sou eu com o meu marido. Deus me dê coragem para me desprender dos bens terrenos, em prol dos que precisam».

O Senhor diz a esta amiga: — Não estás longe do Reino de Deus. Encaminha-te para lá.

De Lisboa, eloquentemente, «para a casa do Mário — 300 contos. À medida que puder irá mais. — Anónimo». Sei que é um Doutor pela rubrica do cheque. Não é Doutor da Lei Antiga. Pelos vistos é da Nova.

A capital continua: «A nossa equipa de casais, o ano passado, debruçou-se sobre o estudo «A opção pelos Pobres». Ela é constituída por pessoas de boa-vontade que, creio bem, não deixam de se preocupar e contribuir. Infelizmente nenhuma opção foi tomada em grupo, isto apesar de todos termos concordado em que as atitudes

Continua na página 3

PARTILHANDO

• Muito calmo e a sorrir entregou-me uma oferta e ficou olhando, com encantamento, os nossos mais pequenos que brincavam no largo.

— Padre — disse ele — se me tivesse conhecido há dois anos diria que era impossível ser eu. Longe de Deus e dos Outros — continuou — pensava simplesmente em mim, nos meus negócios e no dinheiro. Aconteceu, porém, que

o meu filho de 19 anos morreu num desastre de automóvel. Perante o meu filho morto reflecti: Para que lhe serviu o prestígio, o dinheiro, tudo? Para que me servirá a mim, um dia? Comecei, então, a ler a Bíblia e a frequentar o ensino de catequese para adultos. Sinto-me tão feliz, hoje! Não mais, somente, o dinheiro. Sinto que encontrei um rumo.

Fiquei encantado ao ouvi-lo.

Encontrou o Senhor. Sente-se liberto. Deu um sentido à sua vida. Olhei-o com simpatia. Um semblante calmo e feliz.

• Não sabemos bem qual a reacção das sociedades modernas perante uma manifestação grandiosa pelos deveres.

Seria:

Queremos produzir mais para termos mais.

Vamos ser pontuais e aprovei-

Continua na página 3

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

• Nesta vida, a experiência no-lo ensina, nem todos somos qualificados para alguns casos muito específicos. Há que ter dons próprios e temperamento adequado às circunstâncias. Humildade suficiente para ver, no outro, a pessoa mais indicada para o efeito.

Com o decorrer do tempo — o mundo evolui espantosamente — a acção do servo dos Pobres, em regiões intermédias, depara com o desaparecimento da ruralidade pura, vindo lá, de rajada, os malefícios da sociedade de consumo; e, cada vez mais, novos Pobres com problemas difíceis de destrinçar, minimizar, resolver.

Temos recoveiro especializado. Dá gosto ouvi-lo testemunhar experiências. A sua doação, critério e método cristão.

• O homem permanece imobilizado, por acidente, e a questão corre os trâmites legais.

Conhecemos a morosidade dos serviços oficiais. No caso vertente, também o negócio das seguradoras.

A família do nosso amigo sofre as consequências. Alimentamos um bebé — vítima inocente. Ajudamos a medicar a mulher — com doença crónica. Ela não teria quê para dar ao marido, ao filho, como diz pela sua boca: — *Se não botassem a mão, a gente morria à fome!* Fome lenta — difícil de suportar!

• PARTILHA — O Sonnemberg trouxe um sobrescrito com 5.000\$00, entregue à porta da igreja da Trindade, no Porto. O dobro, da Ilda, também da capital do Norte. Assinante 9708, de Coimbra, 1.600\$00: *«Se pudesse ser para uns idosos, em memória dos meus pais que viveram com muita dificuldade antes de eu me empregar»*. Anónimo(a), de Setúbal, com três contos para uma viúva. Cinco, do assinante 4395, em Vila Nova de Famalicão. Idem, do assinante 42971, de Ovar, *«por uma intenção minha»*. Mais três, do assinante 9790 — e Mensagem: *«Peço uma oração ao Senhor pela Unidade de todos os cristãos, para que, juntos em Cristo, percorramos assim os caminhos da terra em direcção à Pátria Celeste»*. Assinante 113, dez mil, em cheque. *«Partilha de Janeiro»* — catorze notas — de *«Uma assinante de Paço de Arcos»*. Por fim, mil escudos do assinante 21902, de Viana do Castelo, pedindo *«uma oração ao Pai»*. Cumprimos.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

NOVOS GAIATOS — Dois irmãos, de Miragaia, o Carlos, de 7 anos de idade, na segunda classe e o Norberto, de oito anos na primeira classe.

O Carlos e o Norberto vieram numa sexta-feira à noite com protestos da mãe que era para sempre..., e no domingo seguinte já cá estava mais o seu companheiro para os buscar.

No começo de Fevereiro a mãe

trouxe-os e a nossa Casa recebeu-os muito bem. Mais uma prova de que somos a Porta Aberta.

Estão bem. Somos amigos deles. Gostam de brincar connosco, quer pequenos ou grandes não se importam.

Uma boa continuação junto de nós.

FUTEBOL — A equipa dos mais velhos está com muita «desordem»! Não é possível recebermos grupos durante algum tempo.

O Edson, o Reinaldo e o Lupércio encarregaram-se dos treinos dos mais pequenos, já aptos a receber equipas que queiram jogar com eles, dos 9 aos 14 anos de idade. Estão ao vosso dispor.

Aqui fica o nosso endereço em caso de alguma informação desportiva: Grupo Desportivo da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

VIDA MILITAR — Três rapazes vão começar a vida militar no próximo dia 20 do mês corrente.

O Lando é chefe numa casa dos mais pequenos. Trabalha na tipografia, na parte de fotocomposição e já dá uns valentes «toques» com a máquina. Foi ele que paginou este e o anterior número do jornal, pois o chefe está de baixa.

O Silva, também chefe, trabalha na tipografia com a Heidelberg offset, a máquina do jornal. É um bom profissional.

O «Vila Real» já tem a sua vida organizada outra maneira: mecânico fora da nossa Casa.

É pena perderem este tempo para a sua vida profissional! Eles são umas mãos fortes no trabalho.

Desejamos uma boa carreira militar para os três nossos grandes amigos.

«Andorinha»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — «O pão Nosso de cada dia, nos dai hoje». À partida, deveria ser muito fácil conseguir o pão de cada dia, a que todos temos direito. Mas, infelizmente, para grande parte das famílias portuguesas, não é assim! E serão só os portugueses com essa dificuldade? De certo que não. E então pensando nos nossos irmãos do terceiro mundo... Quanta miséria lá vai... Quantos a morrer de fome...

Nós, através da nossa Conferência, é claro, também com a vossa ajuda, procuramos dar esse pão a algumas famílias que, quer por falta de saúde, quer devido às suas idades já avançadas, não podem trabalhar.

Mas também temos o exemplo daqueles que, mesmo não tendo saúde, vão lutando para conseguir esse pão. É o caso de uma das nossas Pobres que, já de avançada na idade, e segundo as radiografias e relatório médico, anda com duas costelas partidas. Pois mesmo assim, há já várias vezes que, quando chegamos a sua casa para deixar a nossa ajuda, só encontramos as suas netinhas e o marido entrevado. Perguntando pela avó, estas, muito a medo, respondem, dizendo: «Foi vender uns tremocitos». Pão duro este, mas que pela sua dificuldade tem outro sabor.

É claro que nós vamos ajudando, na medida do possível e, claro, também com a ajuda dos nossos amigos.

Desta vez, chega-nos mais um sopro de ar refrescante para a nossa luta, que também é vossa. É da nossa amiga, assi-

nante 36058, de Fonte Santa, que nos envia a importância de 1.500\$00 para ajudar o leite das crianças da nossa Floripes e nos diz: «São apelos angustiosos que não nos podem deixar indiferentes».

Oh meu Deus, quanta indiferença ainda existe por esse mundo fora!... Quanto egoísmo... Dos nossos Amiguinhos, confrades de Gondomar, Conferência de S. Cosme e S. Damião, chega um cheque de 3.000\$00. Nós agradecemos e pedimos ao Senhor que vos continue a ajudar na vossa cruzada de Bem - Fazer. De Augusto Moreira de Oliveira, vêm 2.000\$00. Um anónimo envia 1.000\$00. De outro anónimo, recebemos um vale de 3.500\$00. Mais 5.000\$00, também de quem esconde o seu nome. «Que a tua mão esquerda não veja o que dá a direita.» Mais 8.000\$00, também de anónimo. Cobertores novinhos em folha, que nos chegaram de J. Fernandes F. Simões & Filhos.

Agradecemos a todos a vossa ajuda, lembrando um desabafo de Pai Américo: «Esta classe de Pobres não se queixa de ninguém».

Casal vicentino

MIRANDA DO CORVO

DESPORTO — Mais uma vez realizámos um desafio de futebol com um grupo de Coimbra que tem feito mais jogos connosco. O encontro foi bom, um excelente desafio de futebol, começando a nossa equipa a perder por 0-1, empatando logo de seguida.

A segunda parte do jogo foi de grande qualidade para ambas as equipas. Muitos lances de perigo, tanto da nossa parte, como da parte dos visitantes, mas acabámos por vencer: 3-2.

Continuamos a alertar equipas que queiram partilhar connosco, fazendo uns desafios. Nós agradecemos pois o nosso grupo anda a preparar-se para o torneio inter-casas e precisamos de fazer jogos para ficar operacional.

IOGURTES — O João Aurélio, aqui há dias, voltou à nossa Casa do Tojal buscar mais uma carrada, pois os nossos rapazes consolam-se a comer iogurtes.

Dão para todas as refeições. E graças a Deus por esta farturinha.

NOVIDADES — O nosso Padre Telmo trocou a nossa carrinha por uma nova. Já estávamos a precisar, pois a outra era um pouco velha. Também trouxe algumas plantas, colocadas no último canteiro ao pé da tipografia.

PINTURAS — O sr. João e o seu ajudante Rui continuam a pintar portas e janelas. Agora andam na escola e no salão, que ficam com outro aspecto.

Serafim e Ângelo

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.



RETALHOS DE VIDA

«TOUPEIRA»

O meu nome é Sérgio Rafael Ribeiro Meira. Sou mais conhecido pelo «Toupeira».

Nasci no dia 14/9/78, em Vila Nova de Gaia.

Eu dava-me bem com a minha mãe. Mas vim para a Casa do Gaiato porque era «reguila»...

No futuro gostaria de ser futebolista porque eu gosto de jogar a bola.

Sérgio («Toupeira»)

TRIBUNA DE COIMBRA

O Pai tem chamado para mais junto de Si alguns dos nossos mais amigos e familiares.

Já há tempo chamou o Cónego José Antunes. Recordo-o muitas vezes. Foi um Amigo muito discreto. Tantas vezes me estendeu a mão, sempre com a recomendação: «Que a mão esquerda não saiba». Ajudou-nos tanto na construção da nossa casa em Coimbra! Tenho saudades daquele homem — sacerdote sempre tão humilde.

• No fim da Missa vieram dizer-me que tinha falecido o Zé Maria — o José Maria Baltazar. Fiquei triste ao saber desta morte repentina. Foi o Pai Américo que o trouxe da Covilhã. Era da rua. Andava por lá.

Viveu sempre uma vida dura, com um coração cheio de toques de bondade. Recordo muitos encontros e muitas conversas íntimas ao longo destes anos. Sempre humilde no pedir. Sangrava com a vida dos seis filhos e com a paralisia da mulher. A vida foi para ele, muitas vezes, «vale de lágrimas».

• Naquele dia de festa, estava ainda no altar quando me disseram ao ouvido: «Morreu D. Maria Emília». Fiquei em suspenso e depois louvei o Senhor.

Uma vida toda dedicada a louvar o Senhor e a servir os irmãos. Uma senhora sempre pronta para tudo o que fosse bom: Professora, catequista, vicentina, filha, esposa, mordoma de todas as festas. Uma apaixonada pelos gaiatos.

Foi um funeral com uma multidão em festa. O cemitério ficou cheio de silêncio, lágrimas e flores.

• Estava longe e já deitado quando me foram dizer à janela que telefonaram a comunicar que tinha falecido o Israel, o «Castanheira».

Aquela noite foi mal dormida. Aquela morte foi surpresa para todos. Embora só com um pulmão válido e os brônquios sempre atacados, os quarenta anos eram uma vida jovem.

Recordámos o dia em que Pai Américo o veio trazer. Tinha seis anos e esteve connosco até ser maior. Não conheceu o pai e a mãe havia falecido. Era feliz com a esposa e os dois filhos. Sempre com o coração jovem de esperança. Na igreja de S. José recomendámo-lo ao Senhor.

• Ontem foi o funeral de Padre Fernando Coimbra, o senhor Prior — como era conhecido por todos. Foi pároco de Miranda do Corvo durante trinta anos e mais doze de sofrimento na cama ou apoiado em bengalas. Doze anos de sofrimento no Lar de idosos que ele fundou com todo o seu coração e a que deu grande parte da sua vida.

Os gaiatos sempre encontraram bom acolhimento no coração deste sacerdote. Tantas vezes veio falar aos rapazes e sentar-se à nossa mesa! O Abílio disse ao almoço que foi o Padre mais pobre que ele conheceu e que todos tinham obrigação de ir ao enterro.

«O funeral foi muito importante» — ouvi dizer. A igreja estava totalmente cheia. O cemitério parecia uma franja de pessoas silenciosas até ao fim. Foi o adeus ao sacerdote que procurou sempre servir e construir a paz. Lutou sempre para que todos tivessem pão e casa e amor.

Que estes que hoje recordamos estejam na Paz de Deus e que cada um de nós procure seguir os seus passos bons.

Padre Horácio

Aqui, Lisboa!

• Gostamos de estar atentos ao que se passa à nossa volta. Não podemos ser insensíveis. Os problemas do dia-a-dia também nos dizem respeito, não só pelo que representam em si, mas também pelos reflexos na vida da Casa e dos seus habitantes.

Embora tardiamente, queremos assinalar o efeito altamente gravoso para a vida de muitos jovens da greve dos docentes responsáveis pelas provas de acesso ao ensino superior. A greve deve ser a última arma a utilizar para a solução dos problemas laborais. Em nosso entender deve ter um sentido ético, e o que se passou, no caso apontado, foi extremamente prejudicial para milhares de candidatos ao ingresso na Universidade, criando situações irreversíveis e transtornando o futuro de muita gente. Há que ter em conta os interesses de terceiros, muitas vezes multidões, à mercê de minorias estrategicamente colocadas no contexto social e com exigências nem sempre comedidas. Sem invalidar os direitos das classes respectivas, sempre respeitáveis, parecem-nos também exageradas as posições intransigentes dos controladores aéreos e dos maquinistas dos comboios. Entretanto, milhares e milhares de prejudicados sem nada poderem fazer, aguardam que o bom senso e o diálogo aberto se estabeleçam, com soluções equilibradas e justas para todos.

• Quando surgiram os cursos da C. E. E., fomos procurados por imensa gente, no sentido de permitirmos a instalação em nossa Casa, das mais variadas actividades, com as promessas mais generosas e aliciantes, desde o fornecimento da maquinaria sofisticada a fundo perdido até aos subsídios individuais e colectivos mais volumosos. Felizmente, sempre resistimos, porque, em abono da verdade, nunca acreditámos, para lá de considerar outros aspectos fulcrais da vida da Casa e das suas características. Os factos só vieram confirmar as nossas razões. A título elucidativo, damos conta duma proposta que nos foi feita via telefónica, no passado dia 30 de Outubro. Assim: o telefone tocou cerca das 12h. e 30 e alguém diz ser da firma X, do sector Y, dizendo ter algumas vagas para frequência dum curso patrocinado pela C. E. E.. O nosso colaborador, que recebeu a chamada, respondeu: «Obrigado. Irei informar o responsável, mas parece-me difícil, por incompatibilidade de horários... os nossos rapazes estão na escola». Do outro lado retorquiram: «Penso que não me entendeu... O curso é de Y, mas para já é uma revisão de estudo que fazem. É só uma questão de dar os nomes e aprender ou não, isso é com eles. Bem vê, são trinta contos por mês... É uma ajuda. Acho que precisam». Resposta de cá: «Agradeço.

Já percebi e nem é preciso falar com mais ninguém para lhe dar uma resposta. Não estamos interessados». Conversa finda.

Que os dinheiros vindos da C. E. E. sejam devidamente aproveitados são os nossos votos, para bem do País, mormente dos mais jovens. Mas que houve e há ainda muitos oportunistas à espreita de se encherem, também é verdade. Por isso todas as cautelas são poucas e importa que os responsáveis tenham os maiores cuidados.

• Voltamos ao assunto das reformas e das pensões. Os aumentos verificados em função das pessoas no activo, são ínfimos. Os pensionistas e reformados auferem proventos a uma distância abismal das pessoas que trabalham. Ainda se tivessem reformas ou pensões por inteiro ao fim de oito anos de actividade!... Há que atacar este problema com justiça e equidade. Diremos ainda que nos faz mocha ver que não há subsídio de férias para este tipo de cidadão, o que repre-

senta grave injustiça, até porque muitos, quando em pleno trabalho, também viam incidir sobre os subsídios de férias que então recebiam os respectivos descontos. De resto, todos têm direito a férias, retirando-se do seu lugar habitual de residência para as praias ou para os campos, nem que seja para alguma aldeia remota de origem, com a sobrecarga de despesas que isso origina.

• Os clubes e os jogadores profissionais de futebol passam a descontar, mensalmente, para o regime de segurança social: os primeiros 17,5% e os segundos 11% sobre um quinto do valor global dos vencimentos e prémios dos futebolistas. A participação, de base reduzida em relação ao comum, é justificada pela «curta duração média da carreira futebolística» (relativamente à carreira contributiva completa de um beneficiário da segurança social para efeito de pensão) e pelo facto de a protecção na doença ser assumida pelos clubes, que são conside-

rados além do mais, «como não tendo fins lucrativos». Isto respigamos da Imprensa.

Temos pelos jogadores de futebol profissionais o maior respeito. Não estão em causa as pessoas. O que sabemos é que auferem elevadas maquiãs e, normalmente, em pouco tempo, têm nas mãos condições materiais de independência, que não são fáceis de conseguir noutras actividades, nomeadamente nas de alto risco, como por exemplo os mineiros e os que trabalham em altos fornos ou em indústrias perigosas, que terminam, muitas das vezes, rapidamente, a sua vida de trabalho com as mais graves doenças profissionais. Se acrescentarmos a isto, as luvas e os contratos laterais, muitas vezes com pagamentos em moeda estrangeira e depósitos lá fora, mais notória se torna a discriminação. Entretanto, dispõem de seguros volumosos e de outros apoios que poucos terão. Os clubes são hoje grandes empresas e, embora não tenham fins lucrativos, os seus jogadores são profissionais, seus empregados. Pagam para a segurança social 17,5%. Nós, que vivemos para os outros, pagamos 21%! Há aqui algo que não está bem.

Padre Luiz

DOUTRINA



Eu vim para salvar
Do EVANGELHO

• Mais um pacote de roupas «para a família que dorme debaixo dos eucaliptos». E dormirá. É um homem dos seus trinta e quê, robusto e inteligente, acompanhado de três criancinhas e de uma mulher.

Meu amigo das prisões, onde cumpriu larga pena por crimes sociais, não traz na frente o ferrete de outras eras, mas marca-o o mundo com o «foge que é danado», e agora nem mestre de obras nem chefes de oficinas nem donos de fábricas — «ninguém me dá trabalho, Padre». E apenas entrado em uma casita previamente alugada, houve de sair dela na mesma hora em que entrou... porque «é danado». É no momento de ser despedido que este homem chora ao pé de mim a desgraça de não ter abrigo e eu a pena de não ter casa, que seria também a dele. Abraçamo-nos debaixo do céu azul à beira do turbilhão que passa. A batina negra do Padre, que para este foi e para tantos é ainda o maior mal do mundo, mudara de cor num instante; e agora era para ele e tem sido para muitos, o maior Bem! Assim se regeneram os maus, amando-os até ao fim. Se eles se sentem desprezados dos homens, acabam por se desprezar a si mesmo e, então, não há mal no mundo que não sejam capazes de cometer, desesperados.

• Já era tempo de eu entrar firme e sereno nos andares da Baixa de Coimbra e topor novos casos de miséria sem me perturbar nem estremecer, afeito como ando a lidar com gente pobre; mas não. Sento-me dentro, no meio de infinita caqueirada em infinito desalinho, ao pé de velhinhos de oitenta que dormem no chão, enquanto netos acendem a luz para mostrar à gente o recanto onde se deitam; e saio, arrepiado, a considerar que é muito mais infeliz o mundo que deixa cair no chão tantas vidas, do que estes Pobres assim caídos — tão miseráveis, que nem sequer dão fé da sua miséria!

• É ali que este pobre queima as asas e anda depenado por esse mundo fora, agora com nova dívida, na compra de cobertores. É ali que ele se mete em despesas com os gastos da Colónia de Campo e levanta o número dos gaiatos que a formam: trezentos e três até à data, mais duzentos no ano que vem. É ali, finalmente, ao pé de famílias do casebre de Coimbra, onde é tudo cem por cento abaixo de zero, excepto o número de casebres e de famílias; é aqui, leitor amigo, que te deves desobrigar e fazer um exame sério de consciência, não vás tu ser culpado de tanta miséria, porque muitos que são fáceis em criticá-la, dificilmente se perguntam o que têm feito para a diminuir. E não me mandes embora, como às vezes tens feito, às portas da tua morada, porquanto essa esmola, para mim, defrauda o Pobre da dele; nem chames imperitência a zelo que tu não tens e a lágrimas que não sabes chorar — infeliz!

D. Amén. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol.)

SETÚBAL

Cont. da 1.ª página

individuais a pouco ou nada conduzem.

A nossa vivência de pais de nove filhos torna-nos sensíveis aos problemas da vossa Casa e aos dos mais carenciados. O problema da habitação, que os nossos, graças a Deus, vão resolvendo, apesar das dificuldades, dói-nos. Assim, e cansados de esperar por uma resolução a nível governamental, lançamos uma pequenina pedra para ajuda da casa, não barraca, do Mário. Esperamos que a esta se juntem as outras, se resolva este problema e se possa criar um fundo de ajuda efectiva a todos».

Outra carta magnífica que eu perdi, com um cheque, que depus: «Sensibilizada pelo tratamento» a este meu filho. É verdade. Os rapazes são nossos filhos. Não somos progenitores, mas damos-lhes profundamente a nossa paternidade. A palavra padre quer, etimologicamente, dizer Pai.

E esta, de Fátima. É de um padre superior de uma Congregação. Padre que pela expressão do seu sentir é bem Pai.

«Acabo de ler a sua rubrica habitual n' O GAIATO. E mais uma vez o coração me saltou para fora do peito. Não. Não podemos ficar parados!...

Eu também não sei já o que se pode fazer neste País de brandos costumes, mas que tanto amamos. E porque amamos o nosso povo — particularmente aqueles por quem ninguém se rala — nós temos que pensar em qualquer coisa de grande para nos solidarizarmos realmente com os Pobres e Oprimidos... A

verdade é esta: Continuamos a construir, mesmo a nível da Igreja, imóveis enormes e, às vezes, com nenhuma utilidade pastoral; e deixamos Cristo ao relento da noite de Belém.

É um Montepio a solução? Não gostava que a sua ideia morresse e, por isso, ergo a voz. Não haverá neste País alguns milhares de pessoas capazes de investirem «a fundo perdido» — em termos de Reino com juros a 100% pelo menos — alguns milhares de contos, de maneira a se responder de algum modo e ajudar os jovens a encontrarem motivos para a Esperança? Não está certo que a falta de habitação leve os seus rapazes a

pensarem no suicídio. Eles têm direito à vida. E uma vida digna, que é o contrário da vida numa barraca... para onde estamos a empurrá-los com a nossa apatia e indiferença.

Não tenho dinheiro. Mas de uma coisa pode estar certo. A nível do nosso sentido, a sua ideia de um Montepio para os Pobres encontrará grande apoio. Não apenas moral. Também económico».

Eu não tenho capacidade para bulir, muito menos para comentar a beleza desta Alma Sacerdotal!

Padre Acílio

PARTILHANDO

Cont. da 1.ª página

tar bem as oito horas de trabalho.

Com maior vontade, todos podemos render mais.

Poremos amor no dever de ensinar, devoção no dever de curar e governarmos pelo bem-comum.

Vamos fazer com que na nossa cidade não haja artigos de luxo para que os menos favorecidos tenham melhor poder de compra.

Vamos respeitar-nos e amar-nos como irmãos.

Limparemos todas as ruas e plantaremos flores em nossos quintais.

O supérfluo de todos será para o conforto dos doentes, dos velhinhos e dos deficientes.

Qual seria, pergunto, o impacto no mundo se a nossa cidade tivesse coragem de fazer esta manifestação «ao contrário»? Pelos deveres — para cada um ter direito aos «direitos».

... Na prática vai ser muito difícil: Saíu uma nova geleira com mais um pinchabelho e um boneco na porta com uma propaganda tão «sexy», que todo o mundo vai comprar. Também, a moda cortou três centímetros às golas dos casacos... Nada feito.

O que se precisa na cidade é de mais e mais dinheiro.

«Que lembrança mais tola!»

Padre Telmo

CONVENÇÃO INTERNACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA

Começo a ler os quarenta e dois artigos da Convenção que me parece — repito — nada acrescentarem de substancial aos dez que constituem a Declaração de há trinta anos, mas os explicitam, como é natural da diferença de extensão dos dois documentos.

Embora toda a Convenção tenha por responsáveis os Estados que assinaram, é a eles-mesmos, como promotores e defensores do Bem Comum, particularmente no que se refere ao mundo das crianças, que se dirige expressamente quase todo o articulado. Representa, pois, uma reflexão e tomada de consciência que se não pode deixar cair no vazio; antes, há-de consumir-se em medidas que levem as estruturas governamentais e a sociedade em geral à prestação à criança «do melhor que a humanidade tem para dar», conforme «ela merece», segundo a Declaração de Genebra de 1924, que torno a evocar. Aliás, é o que expressamente prescreve o art. 4.º.

O primeiro artigo diz o que se entende por criança — «todo o ser humano desde o seu nascimento até à maioridade» — que, na generalidade dos países, é aos dezoito anos. Em Portugal também. Mas o nosso regime jurídico de menores abrange apenas os primeiros dezasseis anos de vida. É uma incoerência; e de efeitos funestos se o jovem prevalece e cai na alçada da lei, que o trata segundo o regime comum. Ora se, para fixação da maioridade se julga os dezoito anos como termo de um processo de desenvolvimento e amadurecimento que leva a pessoa ao limiar da cidadania responsável, como explicar que, em alguns aspectos, se trate como adulto quem, noutros aspectos, ainda é considerado como criança? Há, pois, um desfasamento a corrigir que reclama urgente correcção.

Porém, esta definição também me deixa dúvida quanto ao seu limite *a quo* — e o próprio art. 6.º da Convenção ma agudiza: «Toda a criança tem direito à vida. É dever

do Estado garantir a sobrevivência e o desenvolvimento da criança». Se o nascimento é o eclodir de uma vida humana que já era — quem é esse nascituro, se adulto não é nem está contido no conceito de criança? Não tem direitos?... Mas, se já vive, o Estado não lhe deve a garantia de sobrevivência e do desenvolvimento que, segundo as leis naturais, se está realizando?... Cessa aqui «o dever do Estado de proteger à criança de qualquer discriminação ou violência» (cf. art. 2.º)?... É fatalidade sem apelo que o ser humano de vida intra-uterina (em breve seria uma criança!) não tem por si poder que o defenda? E mais uns meses... e já teria!

Não é a intenção deste reflectir entrar em tal campo de polémica. Mas a verdade é que não posso calar esta dolorosa interrogação perante a incongruência de Estados que assinaram esta Convenção e também promulgaram leis permissivas do aborto.

Tendo, pois, de partir do conceito proposto pela Convenção, que, ao menos, todo o ser humano já nascido veja satisfeito esse direito à sobrevivência e ao desenvolvimento — direito que, infelizmente, ainda é palavra morta para os catorze milhões de crianças que anualmente desaparecem, pela fome e pela doença, e para a percentagem escandalosa dos que, resistindo à morte, não conhecem condições físicas e culturais de desenvolvimento. Este direito e os demais «devem ser aplicados a todas as crianças sem excepção alguma», diz o art. 2.º, que ao Estado comete o dever de impedir toda e qualquer discriminação.

Este dever não se esgota no assegurar as condições materiais para a sobrevivência e o desenvolvimento. Tem de assegurar também, e primeiro que tudo, o que directamente respeita à dignidade da pessoa que compete à criança. Por isso, «logo ao nascer, a criança será registada, tendo direito a um nome e nacionalidade, a conhecer seus pais e ser

cuidada por eles» (art. 7.º). E que o Estado assumia esta obrigação, «a de proteger a identidade da criança e restabelecê-la quando for privada de parte ou de toda ela (nome, nacionalidade e vínculos familiares)» (art. 8.º).

O que esta falta de identidade afecta tantas crianças e explica desvios de comportamento; e se repercute em adulto quando é assumida plenamente a consciência de tal

falta! Eis o que a experiência tantas vezes nos tem dado constatar. Se alguns superam o trauma de não saber de onde são nem de quem vêm, outros não. E não vale jogar como argumento o «não penses nisso...; afinal tudo se compôs». Cada um sente como é capaz e reage consequentemente. Sim, vale a pena mobilizar todos os recursos, não só para dar pão e vestuário, abrigo e educação, mas também para colma-

tar os vazios que ferem a dignidade da pessoa e deixam ferida aberta quando ela o foi desde a sua origem. «Recursos que devem ser privilegiados até ao máximo, recorrendo, se necessário, à cooperação internacional», diz o art. 4.º da Convenção. Temos de convir que, mesmo constando das leis a previsão destes males, muito pouco se tem feito, efectivamente, para os remediar.

Padre Carlos

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Como o fio de água cristalina dá vida por onde passa, assim esta coluna. Ela nasceu no coração das pessoas, passa por nós e chega aonde é preciso.

Necessitamos da comunhão para vivermos. Sem ela, a vida não tem sentido. Que o digam as cartas cheias de mensagens que nos chegam, todos os dias.

«Com devoção eis-me a cumprimentá-los e humildemente enviar uma percentagem do meu vencimento. Para mim significa colocar algumas horas do meu trabalho, em benefício dos mais desprotegidos. Tem valor diferente. Sabe melhor sendo do meu trabalho.»

Que lindo! Quem não descobre beleza neste gesto de dar a mão? Quem não recebe força para a dar também? É a comunhão em acção. Ninguém lhe resiste. «Vede como se amam!»

Os bens materiais podem ser encaminhados para os dons do espírito. «Do cheque enviado agradeço que uma parte seja para uma nova assinatura. Esta é feita com os olhos em Deus e com a esperança de ajudar um amigo que precisa muito e muito de Deus».

Mais que de mestres, os jovens necessitam de testemunhos. Querem ver pessoas diferentes pela vida e pela fala. Só assim é que arriscam e são generosos. «Por essa razão, eu que sou uma jovem de 17 anos a quem a vida tem oferecido mais alegrias que tristezas pretendo, ainda que humildemente, contribuir para que os vossos-nossos rapazes vivam também em felicidade. Assim, envio 2.000\$00 provenientes do meu primeiro ordenado. Sou estudante. Entrei, este ano, para a Universidade e, como tenho algum tempo livre, aproveitei-o para trabalhar em part-time como animadora numa escola primária».

As comunidades fazem-se com estas linhas-de-força. Não há outro caminho. É ilusão pensar e agir doutro modo. O testemunho arrasta porque convence. São precisos testemunhos. O resto vem como as flores e plantas em jardim bem irrigado.

Nada impede o fiozinho d'água de abrir caminho. «Peço desculpa de ser tão pouco numa época

tão má... mas não posso mais».

Empresas e particulares, onde chega a afeição pelos Outros, põem de lado, todos os meses, o quinhão dos Pobres. Deste modo, a abundância dá para todos. Os bens existem para unir as pessoas, nunca para as separar.

Oh, faz falta reflectir! O mundo dos aflitos ficaria mais pequeno. A falta de paz daria lugar às noites tranquilas e bem dormidas. A aridez da tristeza transformar-se-ia em montanha coberta do belo da Esperança vinda do horizonte a perder de vista. As pessoas entender-se-iam para se darem as mãos em atitude de comunhão. O mundo seria mais dos homens e de Deus. Tudo isto está em nossas mãos! Cada um dá do que tem e pode. Agradecemos as dezenas de discos abrasivos para a oficina de serralharia. Mais o donativo de peças novas de vestuário.

A educação falha se, desde o princípio, os filhos não descobrirem a necessidade dos Outros. O egoísmo ocupa o lugar da generosidade. A gratidão desaparece e, com ela, a alegria de viver. A grande escola é a família bem unida, estável. Por isso, em todos os lugares onde se cuida da educação, as qualidades da família estejam presentes. Pai Américo não quis outra maneira de viver na Obra que nos deixou: «Todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão». A voz da família chama do mais íntimo da pessoa.

A propósito, lembro aquela mãe que sofre ao ver a filha com quem vive, com um curso superior, mas não é amiga de dar, apesar de ser solteira e não ter a quem deixar aquilo que tem.

Já nos habituámos à presença das três amigas que, todos os meses, tiram um bocadinho do seu ordenado. Não é o quanto que está

em causa. É o gesto que mostra a bondade que vive dentro delas.

O amor verdadeiro é força escondida que faz mover as vontades no sentido da comunhão. Por isso, é comum o pedido de anonimato que acompanha os dons que nos chegam. O valor material é diferente: cem mil; um milhão; cinquenta mil; vinte e cinco mil; dez mil; cinco mil; mil; quinhentos escudos; duzentos escudos. O peso e a medida são dados pelo coração que faz a oferta.

Foi lindo o gesto das crianças das escolas que nos visitaram, há pouco tempo. Valeu pelo significado. A educação não se faz aos saltos. A abertura para a vida faz-se pela porta das pequenas coisas, no dia a dia. Quanto cuidado da parte dos educadores! Eles têm que ser luz para os mais pequeninos. O livro da educação é o testemunho que dão no contacto com eles. «Quero agradecer tudo o que de bom e de útil se lê n'O GAIATO. São grandes lições de amor e desapego do que é material». Por isto, esta coluna é fio d'água que corre levando fecundidade. «Agradeço todo o bem que nos faz a Obra da Rua, pela alegria que nos dá ao podermos contribuir para o bem do Próximo».

A partilha de experiências torna-se um lugar-comum. A razão do interesse manifestado pelos leitores nasce daqui: é a vida que gera a vida. «Temos quatro filhos e três já estão em suas casas. Só o último é que anda a estudar. Não faltam motivos para darmos muitas graças a Deus. Penso que todos os meses podemos enviar a mesma quantia».

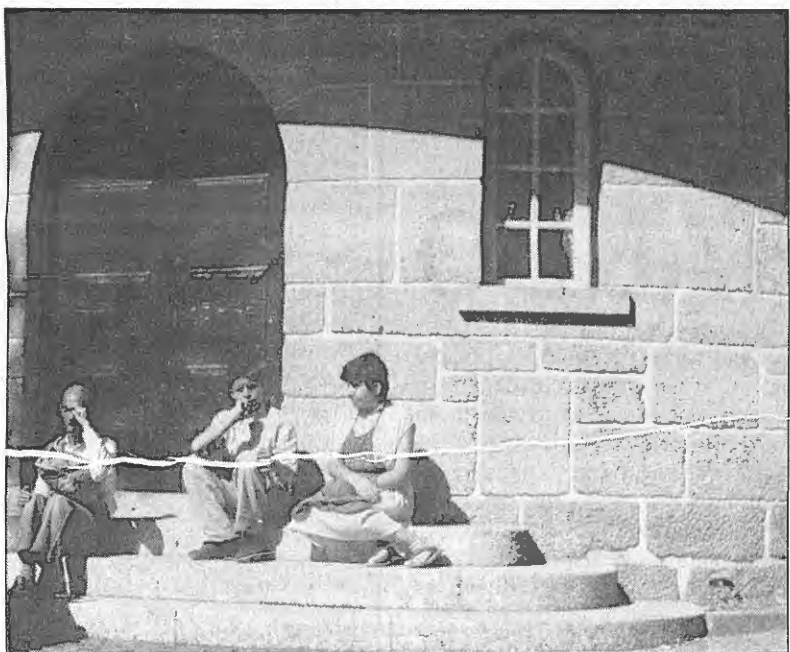
Padre Manuel António



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 500788898

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, durante o mês de Janeiro: 73.700 exemplares



Foi pensamento sublime aquele que Deus deu a Pai Américo. Almas imortais em corpos enfermos, votados ao desamparo, reclamam poiso condigno para as horas derradeiras da passagem terrena. Inválidos sem famílias, doentes sem cura, monstros sem abrigo na sociedade que os segrega — foram e são motivo premente da existência do Calvário.

Este nasce. Cresce. A multidão dos crentes na ressurreição da carne enferma quer que o Calvário seja. E ele é. Uma vez tem sido local de ressurreição para tantos que, no abandono a que estavam entregues, nunca passariam de pesos mortos.